

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| OCUPAÇÃO DO SOLO – USOS E FUNÇÕES | 4 |
| TERRITÓRIOS ARTIFICIALIZADOS | 12 |
| ÁREAS AGRÍCOLAS E AGRO-FLORESTAIS | 25 |
| FLORESTAS E OS MEIOS NATURAIS E SEMI-NATURAIS | 34 |
| ZONAS HÚMIDAS | 43 |
| CORPOS DE ÁGUA | 44 |
| SÍNTESE | 47 |
| BIBLIOGRAFIA | 50 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Tecido urbano do Concelho da Ribeira Brava | 14 |
| Figura 2 - Tecido urbano contínuo - Ribeira Brava | 15 |
| Figura 3 - Tecido urbano contínuo - Ribeira Brava | 15 |
| Figura 4 - Tecido urbano descontínuo esperso – Moreno, Ribeira Brava | 16 |
| Figura 5 - Tecido urbano descontínuo – Campanário | 16 |
| Figura 6 - Tecido urbano descontínuo – Sra. Da Conceição | 16 |
| Figura 7 - Indústria, comércio e transportes do Concelho da Ribeira Brava | 18 |
| Figura 8 - Parque Empresarial da Ribeira Brava – Boa Morte | 19 |
| Figura 9 - Viaduto da Via Expresso – Campanário | 20 |
| Figura 10 - Vista do miradouro – Campanário | 20 |
| Figura 11 - Estaleiros inertes – Ribeira Brava | 21 |
| Figura 12 - Espaços verdes urbanos, equipamentos de cultura e lazer e zonas históricas | 22 |
| Figura 13 - Centro Desportivo da Madeira – Fajã da Ribeira | 23 |
| Figura 14 - Vista para o Centro Desportivo da Madeira – Fajã da Ribeira | 23 |
| Figura 15 - Cemitério e Pavilhão desportivo da Serra d'Água | 23 |
| Figura 16 - Frente Mar da Ribeira Brava | 24 |
| Figura 17 - Vista para a Frente Mar da Ribeira Brava | 24 |
| Figura 18 - Culturas temporárias no Concelho da Ribeira Brava | 27 |
| Figura 19 - Estufas – Corujeira, Tabua | 27 |
| Figura 20 - Culturas temporárias – Pedregal, Campanário | 28 |
| Figura 21 - Culturas temporárias | 28 |
| Figura 22 - Culturas permanentes no Concelho da Ribeira Brava | 29 |
| Figura 23 - Culturas permanentes – bananal. Sra. da Conceição, Ribeira Brava | 30 |
| Figura 24 - Culturas permanentes – bananal+vinha. Corujeira, Tabua | 30 |
| Figura 25 - Pastagens permanentes no Concelho da Ribeira Brava | 31 |
| Figura 26 - Pastagens permanentes – Achada da Pinta | 32 |
| Figura 27 - Áreas Agrícolas Heterogéneas no Concelho da Ribeira Brava | 33 |

| | |
|---|----|
| Figura 28 - Sistemas culturais e parcelares complexos – Lombo do Cesteiro, Ribeira Brava | 34 |
| Figura 29 - Florestas no Concelho da Ribeira Brava | 36 |
| Figura 30 - Floresta Natural da Madeira – Encumeada, Serra d'Água | 37 |
| Figura 31 - Folhosas entre eucalipto – Serra d'Água | 38 |
| Figura 32 - Floresta de pinheiro bravo – Ribeira Brava | 38 |
| Figura 33 - Floresta de invasoras – Lombo Cesteiro | 38 |
| Figura 34 - Florestas abertas e vegetação arbustiva e herbácea no Concelho da Ribeira Brava | 39 |
| Figura 35 - Vegetação herbácea natural – Ribeira das Mijas Velhas | 40 |
| Figura 36 - Floresta aberta de castanheiro – Fontes, Campanário | 40 |
| Figura 37 - Zonas descobertas e com pouca vegetação no Concelho da Ribeira Brava | 41 |
| Figura 38 - Área ardida – Ribeira do Esporão | 42 |
| Figura 39 - Ilhéu da Lapa – Campanário | 42 |
| Figura 40 - Praia da Ribeira Brava | 42 |
| Figura 41 - Vista da praia da Ribeira Brava | 43 |
| Figura 42 - Zonas húmidas no Concelho da Ribeira Brava | 43 |
| Figura 43 - Paul – Rocha Alta | 44 |
| Figura 44 - Crpos de água – águas interiores no Concelho da Ribeira Brava | 45 |
| Figura 45 - Vales das Ribeiras da Caixa, Tabua e Brava | 45 |
| Figura 46 - Troço da ribeira Brava | 46 |
| Figura 47 - Vista para o leito da ribeira Brava | 46 |
| Figura 48 - Carta de ocupação do solo no Concelho da Ribeira Brava | 47 |
| Figura 49 - Percentagem Relativa das Ocupações de Solo no Concelho da Ribeira Brava, | 48 |
| Figura 50 - Percentagem relativa das Ocupações de Solo no Concelho da Ribeira Brava, dados agregados | 48 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|--|---|
| Quadro 1 - Padrões de Ocupação do Solo | 5 |
|--|---|

1. OCUPAÇÃO DO SOLO – USOS E FUNÇÕES

Com o estudo da ocupação do solo do Concelho da Ribeira Brava, pretende-se proceder à análise relativa das cambiantes físicas do território que resultaram do grau de humanização que este vem sofrendo.

O objectivo será a apresentação da situação de referência, aspecto determinante para a ponderação da tradução territorial da estratégia de desenvolvimento.

Com a matriz de ocupação do solo actual devidamente analisada será possível proceder à elaboração dos critérios orientadores para se chegar às aptidões, capacidades e potencialidades do espaço concelhio, bem como a avaliação dos impacte biofísicos, socio-económicos e culturais que resultem da alteração da situação actual

Em termos metodológicos procedeu-se ao enquadramento do Concelho em primeira análise, no âmbito dos estudos dos padrões de ocupação do Solo, elaborados para a Carta de Ocupação do solo da Região Autónoma da Madeira (COSRAM 2007), que se constituiu como um documento de relevante importância, quando em conjunto com os outros estudos sectoriais, se torna indispensável na fundamentação das opções de planeamento, na construção do Modelo Territorial, bem como para a delimitação de Unidades Territoriais e da Estrutura Ecológica Municipal.

A importância da identificação dos padrões de ocupação do solo deriva da possibilidade de, através dela, poder ser aferida a estrutura e morfotipologias do povoamento e ainda das formas de apropriação e exploração do território, de acordo com as circunstâncias que derivam das suas dinâmicas, seja decorrentes das suas características morfológicas e biofísicas. Para atingir esse objectivo no âmbito do território do Concelho da Ribeira Brava, pretendeu-se posteriormente pormenorizar e fundamentar essa análise, com uma especificação maior da ocupação do solo decorrente de informação actualizada, fruto de uma maior aproximação ao território e à sua realidade local.

A metodologia utilizada na COSRAM (2007), prevê que ao nível da sua classificação, sejam estes divididos em vários níveis com o intuito de desagregar as realidades territoriais mais complexas e compreender a expressão territorial dos fenómenos em estudo e das suas dinâmicas.

Assim, concretizando esses níveis de classificação, temos:

Quadro 1 - Padrões de Ocupação do Solo (continua)

| | | | |
|---------------------------------|--|---------------------------------------|---|
| 1. TERRITÓRIOS ARTIFICIALIZADOS | 1.1 TECIDO URBANO | 1.1.1 TECIDO URBANO CONTÍNUO | 1.1.1.1 TECIDO URBANO CONTÍNUO PREDOMINANTEMENTE VERTICAL |
| | | | 1.1.1.2 TECIDO URBANO CONTÍNUO PREDOMINANTEMENTE HORIZONTAL |
| | | | 1.1.1.3 ÁREAS DE ESTACIONAMENTOS E LOGRADOUROS |
| | | 1.1.2 TECIDO URBANO DESCONTÍNUO | 1.1.2.1 TECIDO URBANO DESCONTÍNUO |
| | | | 1.1.2.2 TECIDO URBANO DESCONTÍNUO ESPARSO |
| | | 1.2 INDÚSTRIA, COMÉRCIO E TRANSPORTES | 1.2.1 INDÚSTRIA, COMÉRCIO E EQUIPAMENTOS GERAIS |
| | 1.2.1.2. COMÉRCIO | | |
| | 1.2.1.3. INSTALAÇÕES AGRÍCOLAS | | |
| | 1.2.1.4. EQUIPAMENTOS PÚBLICOS E PRIVADOS | | |
| | 1.2.1.5. INFRAESTRUTURAS DE PRODUÇÃO DE ENERGIA | | |
| | 1.2.1.6. INFRAESTRUTURAS DE CAPTAÇÃO, TRATAMENTO E ABASTECIMENTO DE ÁGUAS PARA CONSUMO | | |
| | 1.2.1.7. INFRAESTRUTURAS DE TRATAMENTO DE RESÍDUOS E ÁGUAS RESIDUAIS | | |

Fonte: COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007

Quadro 1 - Padrões de Ocupação do Solo (continuação)

| | | | |
|---|--|--|---|
| 1. TERRITÓRIOS ARTIFICIALIZADOS (cont.) | 1.2 INDÚSTRIA, COMÉRCIO E TRANSPORTES (cont.) | 1.2.2 REDES VIÁRIAS E ESPAÇOS ASSOCIADOS | 1.2.2. 1. REDES VIÁRIAS E ESPAÇOS ASSOCIADOS |
| | | 1.2.3. ÁREAS PORTUÁRIAS | 1.2.3.1. TERMINAIS PORTUÁRIOS DE MAR E DE RIO |
| | | | 1.2.3.2 ESTALEIROS NAVAIS E DOCAS SECAS |
| | | | 1.2.3.3. MARINAS E DOCAS DE PESCA |
| | | 1.2.4. AEROPORTOS E AERÓDROMOS | 1.2.4.1 AEROPORTOS |
| | | | 1.2.4.2 AERÓDROMOS |
| | 1.3 ÁREAS DE EXTRACÇÃO DE INERTES, ÁREAS DE DEPOSIÇÃO DE RESÍDUOS E ESTALEIROS DE CONSTRUÇÃO | 1.3.1 ÁREAS DE EXTRACÇÃO DE INERTES | 1.3.1.1 MINAS A CÉU ABERTO |
| | | | 1.3.1.2. PEDREIRAS |
| | | 1.3.2 ÁREAS DE DEPOSIÇÃO DE RESÍDUOS | 1.3.2.1 ATERROS |
| | | | 1.3.2.2 LIXEIRAS E SUCATAS |
| | | 1.3.3 ÁREAS EM CONSTRUÇÃO | 1.3.3.1 ÁREAS EM CONSTRUÇÃO |
| | | | 1.3.3.2 ÁREAS ABANDONADAS EM TERRITÓRIOS ARTIFICIALIZADOS |
| | 1.4 ESPAÇOS VERDES URBANOS, EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS, CULTURAIS E DE LAZER, E ZONAS HISTÓRICAS | 1.4.1 ESPAÇOS VERDES URBANOS | 1.4.1.1 PARQUES E JARDINS |
| 1.4.1.2 CEMITÉRIOS | | | |
| 1.4.2 EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS, CULTURAIS E DE LAZER E ZONAS HISTÓRICAS | | 1.4.2.1 EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS | |
| | | 1.4.2.2. EQUIPAMENTOS DE LAZER | |
| | | 1.4.2.3. EQUIPAMENTOS CULTURAIS E ZONAS HISTÓRICAS | |

Fonte: COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007

Quadro 1 - Padrões de Ocupação do Solo (continuação)

| | | | |
|--------------------------------------|--------------------------|---|--|
| 2. ÁREAS AGRÍCOLAS E AGRO-FLORESTAIS | 2.1 CULTURAS TEMPORÁRIAS | 2.1.1. CULTURAS TEMPORÁRIAS DE SEQUEIRO | 2.1.1.1. CULTURAS TEMPORÁRIAS DE SEQUEIRO |
| | | | 2.1.1.2. ESTUFAS E VIVEIROS |
| | | | 2.1.1.3. FLORICULTURA |
| | | | 2.1.1.4. CANA-DE-AÇUCAR |
| | | 2.1.2. CULTURAS TEMPORÁRIAS DE REGADIO | 2.1.1.1. CULTURAS TEMPORÁRIAS DE REGADIO |
| | | 2.1.3. ARROZAIAS | 2.1.3.1 ARROZAIAS |
| | | 2.2.1. VINHAS | 2.2.1.1. VINHAS |
| | | | 2.2.1.2. VINHAS COM POMAR |
| | | | 2.2.1.3. VINHAS COM OLIVAL |
| | | 2.2.2. POMARES | 2.2.2.1 POMARES (FRUTOS FRESCOS, AMENDOEIRA, CASTANHEIRO, ALFARROBEIRA, CITRINOS, FRUTOS TROPICAIS, BANANAL) |
| | | | 2.2.2.2. POMARES COM VINHA |
| | | | 2.2.2.3. POMARES COM OLIVAL |
| | | 2.2.3. OLIVAIS | 2.2.3.1. OLIVAIS |
| | | | 2.2.3.2. OLIVAIS COM VINHA |
| | | | 2.2.3.3. OLIVAIS COM POMAR |
| | | 2.3.1 PASTAGENS PERMANENTES | 2.3.1.1 PASTAGENS PERMANENTES |
| | | 2.2.1. VINHAS | 2.2.1.1. VINHAS |
| | | | 2.2.1.2. VINHAS COM POMAR |
| | | | 2.2.1.3. VINHAS COM OLIVAL |
| | | 2.2.2. POMARES | 2.2.2.1 POMARES (FRUTOS FRESCOS, AMENDOEIRA, CASTANHEIRO, ALFARROBEIRA, CITRINOS, FRUTOS TROPICAIS, BANANAL) |
| 2.2.2.2. POMARES COM VINHA | | | |
| 2.2.2.3. POMARES COM OLIVAL | | | |
| 2.2.3. OLIVAIS | 2.2.3.1. OLIVAIS | | |

Fonte: COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007

Quadro 1 - Padrões de Ocupação do Solo (continuação)

| | | | |
|--|---|---|---|
| 2. ÁREAS AGRÍCOLAS E AGRO-FLORESTAIS (cont.) | 2.2 CULTURAS PERMANENTES | 2.2.1. VINHAS | 2.2.1.1. VINHAS |
| | | | 2.2.1.2. VINHAS COM POMAR |
| | | | 2.2.1.3. VINHAS COM OLIVAL |
| | | 2.2.2. POMARES | 2.2.2.1 POMARES (FRUTOS FRESCOS, AMENDOEIRA, CASTANHEIRO, ALFARROBEIRA, CITRINOS, FRUTOS TROPICAIS, BANANAL) |
| | | | 2.2.2.2. POMARES COM VINHA |
| | | | 2.2.2.3. POMARES COM OLIVAL |
| | | 2.2.3. OLIVAIS | 2.2.3.1. OLIVAIS |
| | | | 2.2.3.2. OLIVAIS COM VINHA |
| | | | 2.2.3.3. OLIVAIS COM POMAR |
| | 2.3 PASTAGENS PERMANENTES | 2.3.1 PASTAGENS PERMANENTES | 2.3.1.1 PASTAGENS PERMANENTES |
| | 2.4 ÁREAS AGRÍCOLAS HETEROGÉNEAS | 2.4.1. CULTURAS TEMPORÁRIAS E/OU PASTAGENS ASSOCIADAS A CULTURAS PERMANENTES | 2.4.1.1 CULTURAS TEMPORÁRIAS DE SEQUEIRO ASSOCIADAS A CULTURAS PERMANENTES |
| | | | 2.4.1.2 CULTURAS TEMPORÁRIAS DE REGADIO ASSOCIADAS A CULTURAS PERMANENTES |
| | | | 2.4.1.3 PASTAGENS ASSOCIADAS A CULTURAS PERMANENTES |
| | | 2.4.2. SISTEMAS CULTURAIS E PARCELARES COMPLEXOS | 2.4.2.1. SISTEMAS CULTURAIS E PARCELARES COMPLEXOS |
| | | 2.4.3. AGRICULTURA COM ESPAÇOS NATURAIS E SEMI-NATURAIS | 2.4.3.1. AGRICULTURA COM ESPAÇOS NATURAIS E SEMI-NATURAIS |
| | | 2.4.4. SISTEMAS AGRO- FLORESTAIS | 2.4.4.1. SISTEMAS AGRO-FLORESTAIS COM CULTURAS TEMPORÁRIAS DE SEQUEIRO |
| | | | 2.4.4.2. SISTEMAS AGRO-FLORESTAIS COM CULTURAS TEMPORÁRIAS DE REGADIO |
| | | | 2.4.4.3. SISTEMAS AGRO-FLORESTAIS COM PASTAGENS |
| | 2.4.4.4. SISTEMAS AGRO-FLORESTAIS COM CULTURAS PERMANENTES | | |

Fonte: COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007

Quadro 1 - Padrões de Ocupação do Solo (continuação)

| | | | | |
|---|---|---|--|-------------------------------------|
| 3. FLORESTAS E MEIOS NATURAIS E SEMI-NATURAIS | 3.1 FLORESTAS | 3.1.1. FLORESTAS DE FOLHOSAS | 3.1.1.1. FLORESTAS PURAS DE FOLHOSAS (SOBREIRO, AZINHEIRA, OUTROS CARVALHOS, CASTANHEIRO, EUCALIPTO E INVASORAS) | |
| | | | 3.1.1.2. FLORESTAS DE MISTURA DE FOLHOSAS (ENTRE OUTRAS A FLORESTA NATURAL DA MADEIRA) | |
| | | 3.1.2. FLORESTAS DE RESINOSAS | 3.1.2.1. FLORESTAS PURAS DE RESINOSAS (PINHEIROS E OUTRAS RESINOSAS) | |
| | | | 3.1.2.2. FLORESTAS DE MISTURA DE RESINOSAS | |
| | | 3.1.3. FLORESTAS MISTAS | 3.1.3.1. FLORESTAS MISTAS DE FOLHOSAS COM RESINOSAS | |
| | | | 3.1.3.2. FLORESTAS MISTAS DE RESINOSAS COM FOLHOSAS | |
| | | 3.2. FLORESTAS ABERTAS E VEGETAÇÃO ARBUSTIVA E HERBÁCEA | 3.2.1. VEGETAÇÃO HERBÁCEA NATURAL | 3.2.1.1. VEGETAÇÃO HERBÁCEA NATURAL |
| | | | 3.2.2. MATOS | 3.2.2.1. MATOS DENSOS |
| | | | | 3.2.2.2. MATOS POUCO DENSOS |
| | 3.2.3. VEGETAÇÃO ESCLERÓFITA | | 3.2.3.1. VEGETAÇÃO ESCLERÓFITA DENSE | |
| | | | 3.2.3.1. VEGETAÇÃO ESCLERÓFITA POUCO DENSE | |
| | 3.2.4. FLORESTAS ABERTAS, CORTES E NOVAS PLANTAÇÕES | | 3.2.4.1. FLORESTAS ABERTAS PURAS DE FOLHOSAS | |
| | | 3.2.4.2. FLORESTAS ABERTAS DE MISTURA DE FOLHOSAS | | |
| | | 3.2.4.3. FLORESTAS ABERTAS PURAS DE RESINOSAS | | |
| | | 3.2.4.4. FLORESTAS ABERTAS DE MISTURA DE RESINOSAS | | |
| 3.2.4.5. FLORESTAS ABERTAS MISTAS DE RESINOSAS E FOLHOSAS | | | | |
| 3.2.4.6. FLORESTAS ABERTAS MISTAS DE FOLHOSAS E RESINOSAS | | | | |
| 3.2.4.7. OUTRAS FORMAÇÕES LENHOSAS | | | | |
| 3.2.4.8. CORTES RASOS E NOVAS PLANTAÇÕES | | | | |
| 3.2.4.9. VIVEIROS FLORESTAIS | | | | |

Fonte: COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007

Quadro 1 – Padrões de Ocupação do Solo (fim)

| | | | |
|---|--|--------------------------------------|--|
| 3. FLORESTAS E MEIOS NATURAIS E SEMI-NATURAIS (cont.) | 3.3. ZONAS DESCOBERTAS E COM POUCA VEGETAÇÃO | 3.3.1. PRAIAS, DUNAS E AREAIS | 3.3.1.1. PRAIAS, DUNAS E AREAIS INTERIORES |
| | | | 3.3.1.2. PRAIAS, DUNAS E AREAIS COSTEIROS |
| | | 3.3.2. ROCHA NUA | 3.3.2.1. ROCHA NUA |
| | | 3.3.3. VEGETAÇÃO ESPARSA | 3.3.3.1. VEGETAÇÃO ESPARSA |
| | | 3.3.4. ÁREAS ARDIDAS | 3.3.4.1. ÁREAS ARDIDAS |
| 4. ZONAS HÚMIDAS | 4.1 ZONAS HÚMIDAS INTERIORES | 4.1.1. PAUIS | 4.1.1.1. PAUIS |
| | | 4.1.2. TURFEIRAS | 4.1.2.1. TURFEIRAS |
| | 4.2 ZONAS HÚMIDAS LITORAIS | 4.2.1. SAPAIS | 4.2.1.1. SAPAIS |
| | | 4.2.2. SALINAS E AQUICULTURA LITORAL | 4.2.2.1. SALINAS |
| | | | 4.2.2.2. AQUICULTURA LITORAL |
| | | 4.2.3. ZONAS ENTRE-MARÉS | 4.2.3.1. ZONAS ENTRE-MARÉS |
| 5. CORPOS DE ÁGUA | 5.1. ÁGUAS INTERIORES | 5.1.1. CURSOS DE ÁGUA | 5.1.1.1. CURSOS DE ÁGUA NATURAIS |
| | | | 5.1.1.2. CANAIS ARTIFICIAIS |
| | | 5.1.2. PLANOS DE ÁGUA | 5.1.2.1. LAGOS E LAGOAS INTERIORES |
| | | | 5.1.2.2. RESERVATÓRIOS DE BARRAGENS |
| | 5.1.2.3. OUTROS PLANOS DE ÁGUA ARTIFICIAIS | | |
| | 5.2. ÁGUAS MARINHAS E COSTEIRAS | 5.2.1. LAGOAS COSTEIRAS | 5.2.1.1. LAGOAS COSTEIRAS |
| | | 5.2.2. DESEMBOCADURAS FLUVIAIS | 5.2.2.1. DESEMBOCADURAS FLUVIAIS |
| 5.2.3. OCEANO | | 5.2.3.1. OCEANO | |

Fonte: COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007

A esta matriz de classificação corresponde uma representação cartográfica associadas às classes, assinalando as manchas de ocupação dos diversos usos.

Salvaguardando a escala de elaboração do estudo é possível extrapolar, em traços gerais as diversas classes e sub-classes de ocupação do solo, no que ao Concelho da Ribeira Brava diz respeito e fazer dessa uma análise aproximada.

Em termos de estrutura de análise, optou-se por estabelecer a leitura ao nível do segundo nível de agregação, nomeadamente no que diz respeito a:

1. TERRITÓRIOS ARTIFICIALIZADOS

- tecido urbano
- indústria, comércio e transportes
- áreas de extracção de inertes, áreas de deposição de resíduos e estaleiros de construção
- espaços verdes urbanos, equipamentos desportivos, culturais e de lazer, e zonas históricas

2. ÁREAS AGRÍCOLAS E AGROFLORESTAIS

- culturas temporárias
- culturas permanentes
- pastagens permanentes
- áreas agrícolas heterogéneas

3. FLORESTAS E MEIOS NATURAIS E SEMI-NATURAIS

- florestas
- florestas abertas e vegetação arbustiva e herbácea
- zonas descobertas e com pouca vegetação

4. ZONAS HUMIDAS

5. CORPOS DE ÁGUA

1.1 TERRITÓRIOS ARTIFICIALIZADOS

Consequência da sua morfologia, o Concelho da Ribeira Brava apresenta uma ocupação urbana ligeiramente diferente da dos restantes Concelhos da Costa Oeste: além de uma ocupação na faixa litoral, a ocupação estende-se para o interior, ao longo do profundo vale da Ribeira Brava.

A freguesia da Serra de Água é, assim, completamente interior, localizando-se no coração da Ilha, aos pés da Encumeada, mas abaixo da cota 600.

A quase totalidade da ocupação urbana do Concelho dá-se abaixo dessa cota, sendo no entanto de referir lugares com algum dinamismo, como S. Paulo, Fontes e Serra de Água, que se encontram cima da cota 600, ou a Furna que, embora se encontre abaixo da referida cota, é um lugar de muito difícil acesso.

A ocupação urbana é maioritariamente dispersa e constituída por edifícios isolados de pequenas dimensões ao longo das vias, com um ou dois pisos, e destinam-se na sua maioria à habitação. Refira-se, no entanto, a construção de alguns loteamentos, no lugar do Tranqual (Campanário) e na Apresentação (Ribeira Brava).

Os edifícios de uso comercial ou industrial surgem, de forma geral, “pulverizados” pelo território, quer anexados a edifícios de habitação (pequenas oficinas), quer em terrenos autónomos mas nas proximidades da habitação, sem organização clara (grandes armazéns, depósitos de materiais de construção e estufas).

Apesar de as várias actividades, como extracção de inertes e edificações associadas, estaleiros e sucatas, unidades industriais e armazéns, se encontrarem de forma dispersa pelo território, é de referir a concentração nas margens da Ribeira Brava.

São frequentes os acrescentos e anexos, fazendo uso e impermeabilizando o terreno sobrance e contribuindo para uma grande variedade de cérceas, volumetrias e materiais, que descaracterizam a imagem do edificado coerente e assumidamente rural.

É nas construções mais recentes que se verificam as maiores rupturas morfológicas, com construções em altura para habitação multifamiliar, de dois ou três pisos, muitas vezes desadequadas à morfologia do terreno,

assim como as moradias de grande volumetria e com excessiva impermeabilização do solo.

No vale da Ribeira, a ocupação faz-se consoante a permissão da orografia, junto à linha de água e em vertentes de favorável exposição solar.

No território que compreende a freguesia da Tabua, as povoações – fortemente ligadas à prática agrícola – desenvolvem-se ao longo das linhas de festo e das estradas, separadas por vales profundos de ribeiras torrenciais, seguindo uma orientação predominantemente perpendicular à costa (e tornando, assim, frequente o substantivo “lombada” na denominação dos lugares). Tal também acontece no extremo Nascente do Concelho, mas os declives menos pronunciados permitem, aqui, uma edificação mais dispersa, não só ao longo das linhas de festo e das vias, mas também no interior das propriedades agrícolas (por vezes, apenas servidas por inclinadas e estreitas veredas).

Ao contrário do que seria de prever, os edifícios religiosos mais antigos não reuniram em torno de si uma estrutura urbana consolidada, encontrando-se hoje praticamente isolados, ou em núcleos antigos pouco estruturados e de baixa densidade. A vila da Ribeira Brava é, obviamente, uma excepção.

A ocupação da foz da Ribeira Brava – a Vila – assenta na colonização primitiva do território da Ilha, apresentando assim características mais urbanas e de maior densidade. Quer no centro histórico, quer na expansão para Norte, os edifícios formatam ruas e praças e a rede viária e o espaço público apresentam uma hierarquia relativamente bem definida e funcional.

Assim, a par da forte disseminação da edificação, surgem diversas rupturas formais e funcionais, das quais resulta uma paisagem onde a beleza natural é frequentemente interrompida por construções abruptas e desordenadas.

Para a análise da distribuição das tipologias de ocupação urbana no Concelho da Ribeira Brava, foram consideradas as variantes de *tecido urbano contínuo predominantemente vertical*, *tecido urbano contínuo predominantemente horizontal*, *áreas de estacionamento e logradouros*, *tecido urbano descontínuo* e *tecido urbano descontínuo esparso*.

Observa-se que as diferentes tipologias de ocupação correspondem a diversos graus e intensidades de humanização do território. A transposição territorial agregada dessa ocupação pode ser observada na figura seguinte:

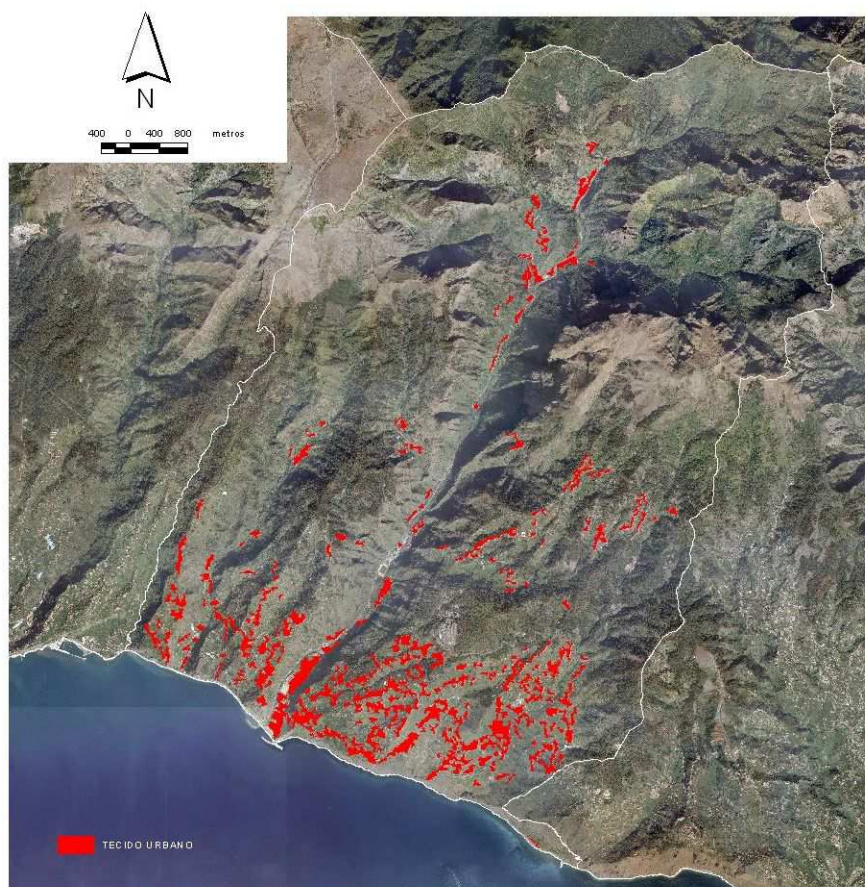


Figura 1 - Tecido urbano do Concelho da Ribeira Brava

Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007
Ortofotomapa SRES (2007)

As áreas de tecido urbano contínuo apresentam-se com superfície total impermeabilizada superior ou igual a 80%. Inclui centros urbanos e subúrbios em que os edifícios formem um tecido contínuo e homogéneo, bem como áreas de estacionamento, logradouros, áreas cobertas de betão ou asfalto, etc.

Correspondem a territórios que possuem uma estrutura urbana consolidada, onde o edificado tem diferentes usos e funções, é contínuo e organizado, e possui uma rede viária hierarquizada.

No caso do Concelho da Ribeira Brava, apresenta-se como principal e praticamente único exemplo de tecido urbano contínuo predominantemente vertical a zona a montante do centro histórico da sede do Concelho.

Aqui, no centro administrativo concelhio e principal núcleo urbano coexistem as principais tipologias de ocupação contínua por vezes lado-a-lado ou em escassas extensões de território.



Figura 2 - Tecido urbano contínuo - Ribeira Brava
Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 3 - Tecido urbano contínuo - Ribeira Brava

As áreas de tecido urbano descontínuo são áreas associadas a territórios não planeados, onde o crescimento urbano é bastas vezes espontâneo e descontrolado, intimamente ligado à actividade agrícola, à matriz cadastral, às acessibilidades e às características fisiográficas dos terrenos.

São na sua maior parte ocupadas por construções do tipo residencial. Nas áreas classificadas como urbano descontínuo os edifícios e outras superfícies artificializadas estão associados a áreas com vegetação e solo nu, as quais ocupam uma superfície significativa, embora descontínua. A superfície impermeabilizada ocupa uma área superior ou igual a 30% e inferior a 80% da superfície total. Esta classe inclui mosaicos de áreas cultivadas com áreas construídas.



Figura 4 - Tecido urbano descontínuo esparso – Moreno, Ribeira Brava

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 5 - Tecido urbano descontínuo – Campanário

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 6 - Tecido urbano descontínuo – Sra. Da Conceição

A ocupação urbana caracteriza-se, no geral do Concelho por ser dispersa e de grande densidade concentrada sobretudo na zona Sul do Concelho,

resultado quer da morfologia do terreno, que muitas vezes impossibilita a formação de núcleos, quer do minifúndio que caracteriza a parcela agrícola. De acordo com os dados da COSRAM, as áreas classificadas como tecido urbano ocupam 4,2% da totalidade da área do Concelho da Ribeira Brava.

As áreas principalmente ocupadas por estruturas relativas à actividade industrial, comercial e de transportes, incluindo áreas associadas e de exploração agro-industrial, são agrupadas como *Indústria, Comércio e transportes*.

Esta análise permite uma análise territorial de pontos chave de atracção de fluxos de pessoas e de energia, bem como a averiguação da localização das principais vias de serviço aos movimentos de pessoas e de interesses. Estas questões são de capital importância para a percepção das dinâmicas eventuais de expansão urbana.

São aqui consideradas as áreas de actividade industrial, as grandes superfícies comerciais, armazéns e outros equipamentos diversos. São principalmente ocupadas com construções, asfalto, alcatrão, cimento na superfície ou terra compactada. Podem ter vegetação que, quando existente, ocupa pequenos espaços sobrantes e zonas ajardinadas. Inclui ainda os equipamentos públicos e privados e suas áreas adstritas, as grandes infraestruturas de captação, tratamento, abastecimento e saneamento e de produção de energia. Ainda é assinalada a rede viária de primeira ordem, nomeadamente as estradas regionais ER 101 (VE 1 e VE3), ER 104 (ligação ao Norte, sendo a VE4), ER 228 (ligação à Encumeada) e ER 105 (Paul da Serra).

A concentração de valências que se inserem dentro destas tipologias é notória junto ao centro urbano da vila da Ribeira Brava onde se encontram os principais equipamentos escolares, as principais instituições e os principais serviços de apoio ao cidadão, desenvolvendo-se para Norte ao longo do vale da ribeira Brava a sucessão de novas edificações e equipamentos, incluindo uma grande superfície de comércio que potencia as deslocações de clientes do interior do conelho e dos Concelhos limítrofes (especialmente Ponta do Sol e S. Vicente) e ainda a Estação de Tratamento da Zona Oeste, na Meia Légua. A tradução territorial desta tipologia de ocupação, no âmbito da COSRAM, é representada na figura seguinte:



Figura 7 - Indústria, comércio e transportes do Concelho da Ribeira Brava

Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007

Ortofotomapa SRES (2007)

Para além deste área polarizadora, refira-se ainda, no âmbito de uma programa estratégico a nível Regional, a localização do Parque Empresarial da Ribeira Brava, no sítio da Boa Morte, que, ocupando uma área de aproximadamente 65 000 m², dispõe de 44 lotes industriais, tornando possível a implantação de empresas e indústrias num espaço delimitado e infra-estruturado, e contribuindo assim para uma organizada gestão do parque empresarial do Concelho. No entanto, por motivos que também se prendem com o regulamento do Parque, este ainda se encontra maioritariamente por ocupar.

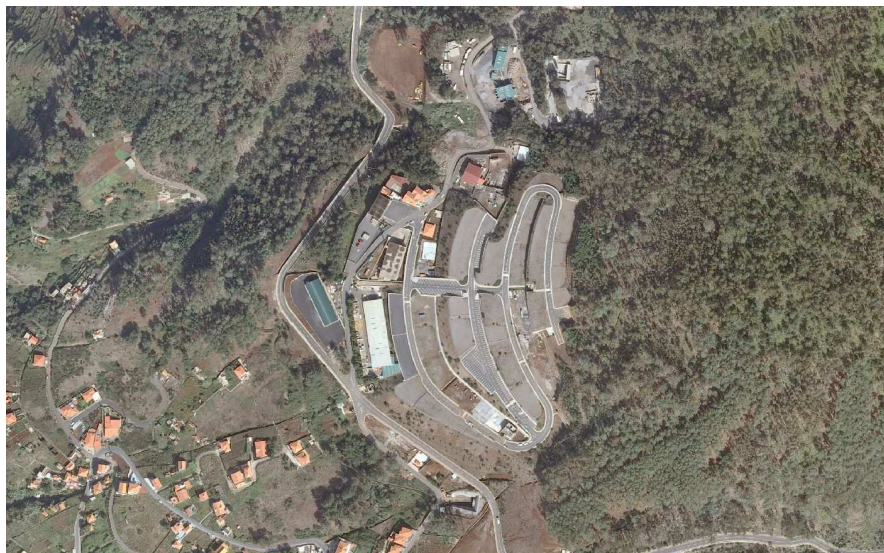


Figura 8 - Parque Empresarial da Ribeira Brava – Boa Morte

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)

A construção desta área empresarial, potencia a realocação de actividades que vão funcionando em situações mistas com habitação e a fixação de oportunidades de investimento e criação de emprego. Desde logo, trata-se de um considerável investimento que incluiu a reformulação de toda a rede viária interna de acesso.

No campo dos transportes, importa ressaltar a importância capital da Via Expresso, que reafirmou a Ribeira Brava como ponto chave de distribuição das circulações internas na Ilha, tanto a Poente para a Ponta do Sol e Calheta como ao coração montanhoso pelo vale e Encumeada, como sobretudo pela ligação ao Norte encurtada que está a ligação com a construção do túnel da Encumeada.

Merece ainda ressaltar, a presença indelével, massiva da Via expresso corporizada no enorme viaduto junto ao Campanário, que se torna elemento omnipresente na relação visual entre a urbe e a linha de costa.



Figura 9 - Viaduto da Via Rápida – Campanário

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 10 - Vista do miradouro – Campanário

Dentro desta categoria de acordo com os dados da COSRAM, as áreas classificadas como *Indústria, comércio e Transportes* ocupam 1,1% da totalidade da área do Concelho da Ribeira Brava.

As áreas de extracção de inertes, áreas de deposição de resíduos e estaleiros de construção são áreas artificializadas principalmente ocupadas por actividades extractivas, estaleiros de construção, zonas de deposição de resíduos e áreas associadas a todas estas actividades. Inclui pedreiras, extracção mineira, aterros, lixeiras, etc.

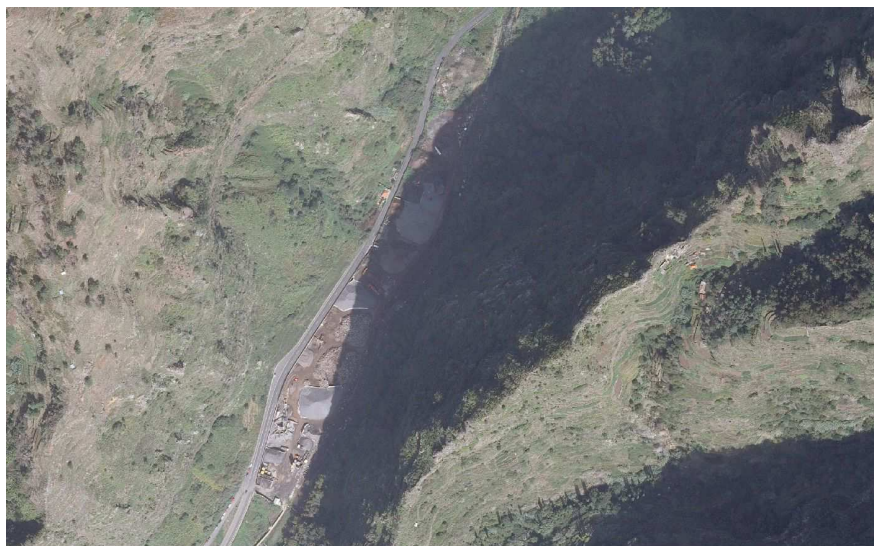


Figura 11 - Estaleiros inertes – Ribeira Brava

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)

Assinale-se a presença generalizada pontualmente pelo território de situações de estaleiros de construção e deposição de resíduos ou materiais, nomeadamente nas franjas dos tecidos urbanos, mas também inclui instalações públicas e industriais, infra-estruturas da rede rodoviária desde que em construção. No vale da ribeira Brava a ocupação de terrenos junto à linha de água com actividades desta tipologia era a de maiores dimensões no contexto concelhio, até aos aluviões de 20 de fevereiro de 2010. Este tipo de ocorrências, que pontuam recorrentemente a História da Madeira, são desencadeados por fortes e abundantes chuvadas que provocam movimentos de vertentes ao longo dos vales, facilitados pela estrutura vulcânica e pelos fortes declives. A ligação entre as inundações e os movimentos de terra traduz-se na erosão lateral dos leitos das ribeiras que pode causar movimentos de vertentes, bem como estes podem causar ou agravar inundações por efeito de barragem.

São causa de graves danos patrimoniais e humanos, tendo no caso de 20 de fevereiro de 2010, atingido especialmente todo o vale e desembocadura da ribeira Brava, que como foi exposto, corresponde à zona com maior presença e intervenção humana de todo o Concelho. As *áreas de extracção de inertes, áreas de deposição de resíduos e estaleiros de construção*, no âmbito da COSRAM, representam um total de 0,2% da superfície do Concelho.

Os Espaços verdes urbanos, equipamentos desportivos, culturais e de lazer, e zonas históricas são tidas como áreas artificializadas ou áreas naturais aproveitadas para uso recreativo e de lazer. Incluem-se nesta categoria os parques verdes urbanos, equipamentos de desporto e de lazer, cemitérios, equipamentos culturais, etc. Inclui ainda complexos arqueológicos a céu

aberto, zonas históricas não habitadas, igrejas e espaços associados, e equipamentos culturais como teatros, salas de espectáculos e afins.

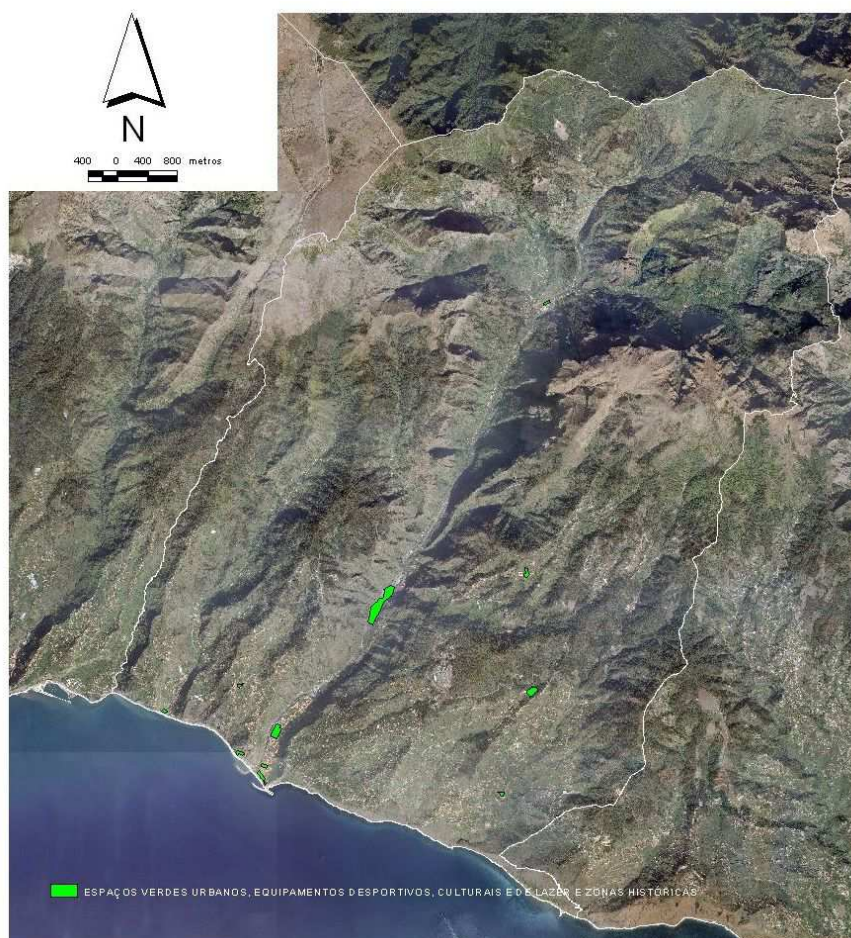


Figura 12 - Espaços verdes urbanos, equipamentos de cultura e lazer e zonas históricas

Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007

Ortofotomapa SRES (2007)

A imagem anterior refere-se à distribuição específica no Concelho da Ribeira Brava, desta tipologia de ocupação, sendo de importância relevar a dimensão associada ao Centro Desportivo da Madeira, recentemente edificado junto à Fajã da Ribeira, que congrega um conjunto de valência ao serviço dos cidadãos e que corporiza uma referência regional no sector.



Figura 13 - Centro Desportivo da Madeira – Fajã da Ribeira

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 14 - Vista para o Centro Desportivo da Madeira – Fajã da Ribeira

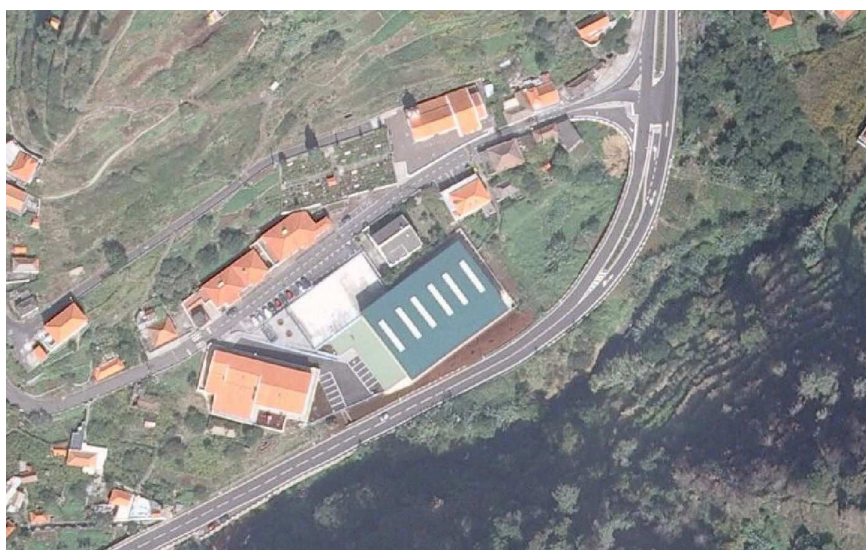


Figura 15 - Cemitério e Pavilhão desportivo da Serra d'Água

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)

Estão incluídos ainda os campos de jogos do Campanário (Adega), Ribeira Brava e os cemitérios da Serra d'Água, São Paulo, Tabua, Ribeira Brava, Campanário.

Merece ainda especial apontamento enquanto espaços de especial importância para a identidade do Concelho e como referências urbanas e territoriais o Largo da Igreja Matriz da Ribeira Brava e a Frente mar da Ribeira Brava, projecto recentemente implantado de requalificação de todo o tecido urbano de remate sul do tecido urbano, incluindo a zona do Forte de S. Bento, interface com a Praia e com o Farol e ordenamento de tráfego e estacionamento.

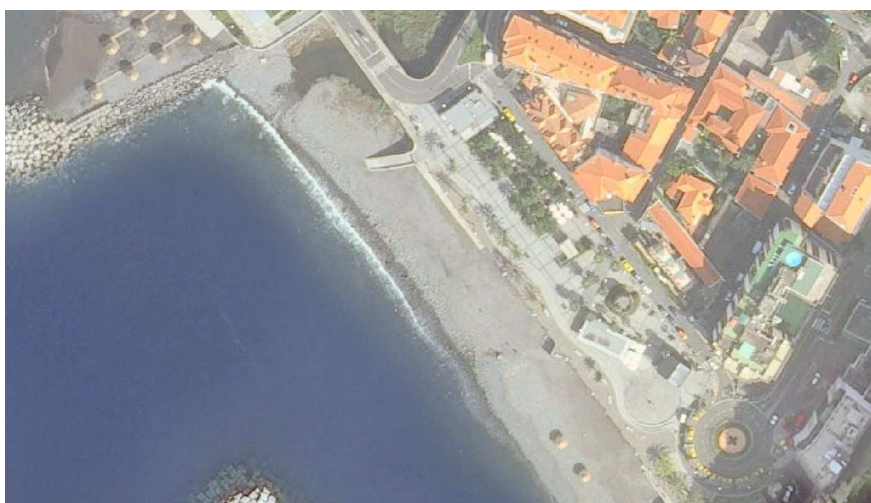


Figura 16 - Frente Mar da Ribeira Brava

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 17 - Vista para a Frente Mar da Ribeira Brava

As áreas de espaços verdes urbanos, equipamentos de cultura e lazer e zonas históricas no âmbito da COSRAM, representam um total de 0,2% da superfície do Concelho.

1.2 ÁREAS AGRÍCOLAS E AGRO-FLORESTAIS

Apesar de a agricultura ser um sector de actividade em decréscimo no Concelho da Ribeira Brava, à semelhança do que acontece por toda a Região, o território do Concelho é ainda marcadamente rural, com campos agrícolas que se desenvolvem sobretudo abaixo dos 600m de altitude, onde existem melhores condições para o cultivo.

Condicionada pelas características geomorfológicas, a agricultura tem lugar em pequenas parcelas, em terrenos inclinados que procuram ganhar área útil através da criação dos conhecidos socalcos (os poios, que tão bem caracterizam a paisagem madeirense), e sem os quais seria muito difícil agricultar áreas de difícil acesso. De referir, no entanto, os custos económicos e humanos associados a este recurso.

Em parcelas agrícolas com estas características, é difícil a utilização de máquinas e equipamentos que substituam o trabalho manual, o que, aliado ao facto de a superfície agrícola ser maioritariamente explorada por conta própria, conduz ao progressivo abandono dos campos, com consequências obviamente negativas para a economia, para o ambiente (problemas de erosão do solo, desenvolvimento de espécies infestantes e riscos de propagação de incêndios) e para a paisagem (descaracterização da paisagem humanizada dos poios).

Para o abandono da actividade têm contribuindo também as deficiências nos sistemas de irrigação e a escassez de água para rega, problema que o Concelho da Ribeira Brava partilha com os demais da Região.

É, assim, uma agricultura tradicional e pouco mecanizada, sendo maioritariamente dedicada ao auto-consumo e complemento da economia familiar. São excepção as estufas (freguesia da Tabua), que marcam negativamente a paisagem rural, e ocupam grandes áreas, impermeabilizando o solo, e sendo implantadas mesmo junto a habitações.

De uma forma geral, as áreas de cultivo foram anexadas pela expansão urbana.

O Programa de Desenvolvimento Rural da Região Autónoma da Madeira (PRODERAM) 2007-2013, enquadrado no Plano Estratégico Nacional e financiado pelo FEADER (Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento

Rural), apresenta o sector agrícola na RAM como marcado por uma matriz ambiental, social e económica, sublinhando a sua importância para o turismo da Região (preservação da paisagem, fornecimento de produtos reconhecidos como regionais, fornecimento de produtos de qualidade), e apresentando uma série de medidas, acções e financiamentos com vista a aumentar a competitividade da agricultura e da silvicultura, sempre numa perspectiva de melhoria do ambiente e da paisagem rural, assim como de promoção de qualidade de vida e de fomento da economia.

Para analisar a distribuição territorial das áreas agrícolas e agro-florestais, procedeu-se a desagregação das ocorrências e sua divisão em culturas temporárias, culturas permanentes, pastagens permanentes, áreas agrícolas heterogéneas. As áreas consideradas são utilizadas para agricultura, constituídas por terras aráveis, culturas permanentes, prados e pastagens permanentes. Inclui sistemas agro-florestais.

As culturas temporárias são aquelas cujo ciclo vegetativo não excede um ano (anuais) e as que não sendo anuais são ressemeadas com intervalos que não excedem os 5 anos. Estas culturas encontram-se normalmente sob regime de rotação anual ou plurianual. Inclui culturas regadas (regadio), não regadas (sequeiro), culturas em campos inundados e pastagens temporárias, estufas e plantações de cana-de-açúcar.

A imagem seguinte expressa a distribuição das culturas temporárias no Concelho da Ribeira Brava:

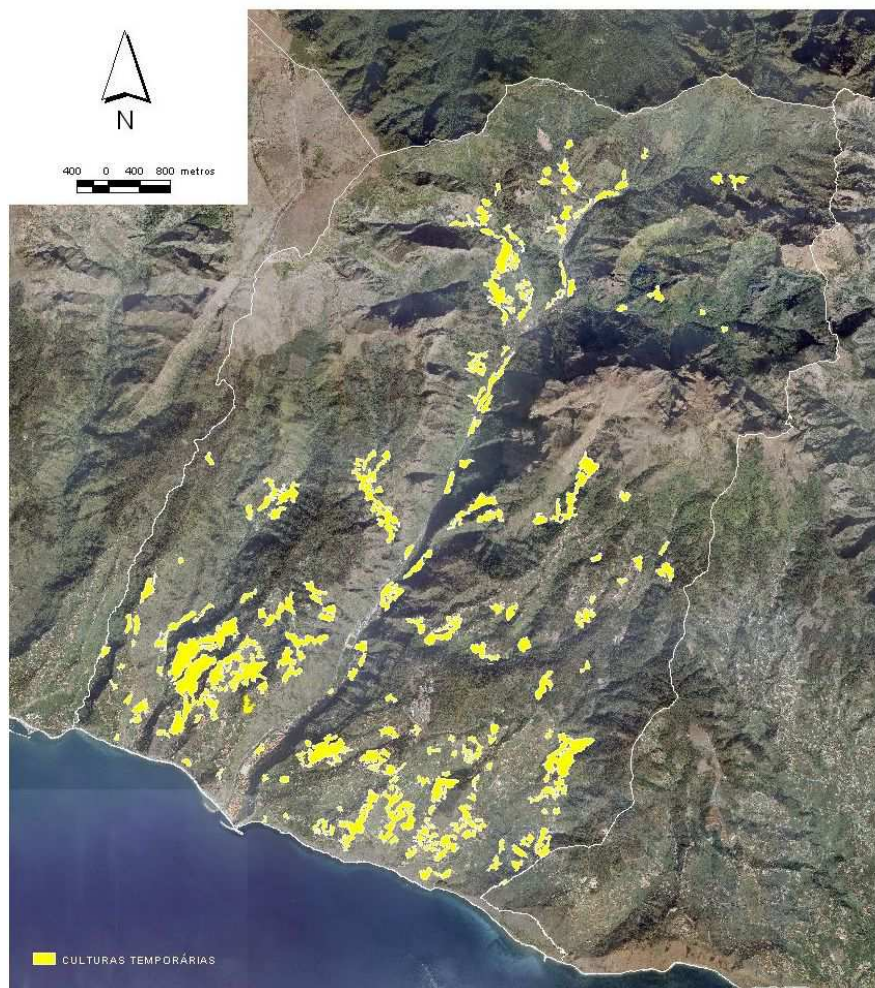


Figura 18 - Culturas temporárias no Concelho da Ribeira Brava

Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira)

2007

Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 19 - Estufas – Corujeira, Tabua

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 20 - Culturas temporárias – Pedregal, Campanário

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)

A esmagadora maioria (98%) dos terrenos assinalados como culturas temporárias dizem respeito a culturas temporárias de regadio, geralmente associadas ao tecido urbano descontínuo disperso, aproveitando a disponibilidade de água e a prévia preparação do terreno. Assinala-se ainda a percentagem semelhante de terrenos associados a plantações de cana-de-açúcar (em contraste com outras épocas) e de estufas (1% cada).

As áreas com culturas temporárias ocupam um total de 5,7% do total da superfície concelhia.



Figura 21 - Culturas temporárias

As áreas classificadas como de ocupação com culturas permanentes são espaços em que as que ocupados durante um longo período e que fornecem repetidas colheitas, não entrando em rotações culturais. Esta classe não inclui prados e pastagens permanentes. No caso das árvores de fruto só são considerados os povoamentos com densidade mínima de 100 árvores/ha ou de 45 árvores/ha no caso de oliveiras, figueiras e árvores de frutos secos. Fazem parte desta classe os pomares, olivais e vinhas para produção.

No Concelho da Ribeira Brava a cultura permanente com a maior percentagem de ocupação, é a banana com com 77% da área total associada a esta tipologia. Esta cultura incorpora uma parte substancial de caracterização e valorização da Paisagem humanizada da ilha da Madeira, concorrendo para o produto turístico primordial associado à região. A volatilidade económica circunstancial, o abandono da actividade agrícola e a necessidade de crescente optimização de recursos congregam-se numa situação que potencia risco eventual de degradação paisagística.

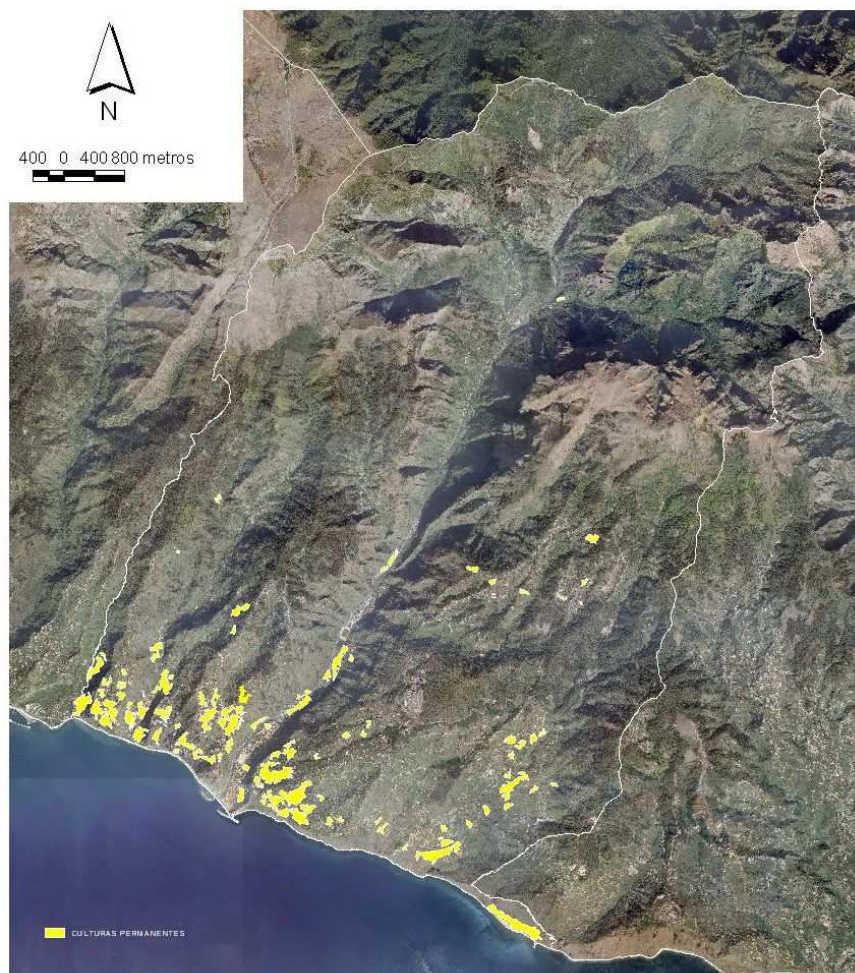


Figura 22 - Culturas permanentes no Concelho da Ribeira Brava

Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira)

2007

Ortofotomapa SRES (2007)

Na figura anterior, percebe-se a distribuição das culturas permanentes no território concelhio, ocupando claramente a faixa costeira, mais amena a sul, e contrastando com a distribuição mais alargada das culturas temporárias, que acompanham os povoamentos.

Assinale-se ainda a fatia de território associada a vinha, 15% das culturas permanentes, outro produto de elevado reconhecimento e imagem de qualidade associada e que corresponde às distribuições mais a norte. A restante área é repartida por pomares de frutos tropicais (7%) e pomares de frutos frescos (1%)

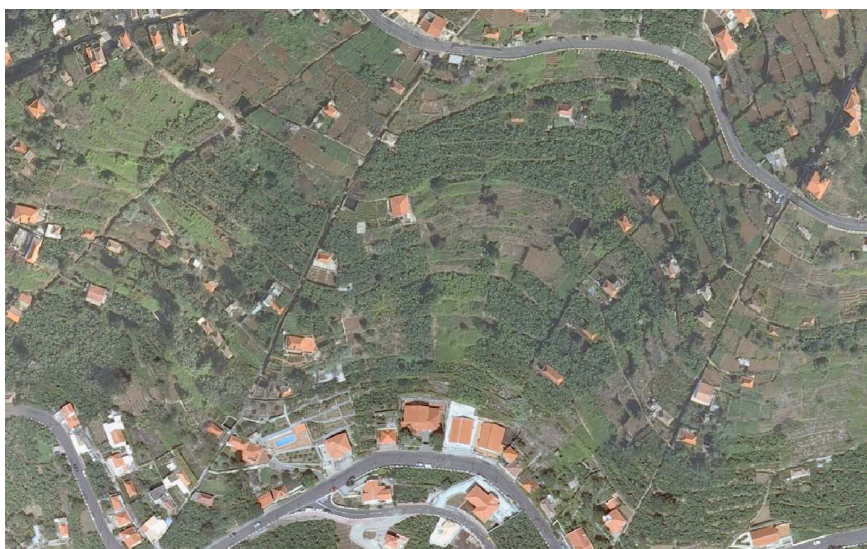


Figura 23 - Culturas permanentes – bananal. Sra. da Conceição, Ribeira Brava
Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 24 - Culturas permanentes – bananal+vinha. Corujeira, Tabua
Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)

As áreas classificadas com culturas permanentes ocupam um total de 1,7% do total da superfície concelhia.

As áreas classificadas como prados permanentes são áreas ocupadas (por um período superior ou igual a 5 anos) com vegetação essencialmente do tipo herbácea, quer cultivada (semeada) quer natural (espontânea), que não estejam incluídas no sistema de rotação da exploração. São utilizadas de forma intensiva e geralmente sujeitas a pastoreio, mas acessoriamente podem ser cortadas para silagem ou feno. A presença de árvores florestais pode verificar-se desde que com um grau de coberto inferior a 10%. Estas áreas têm frequentemente estruturas agrícolas tais como sebes ou cercados, abrigos, comedouros e bebedouros. Esta classe inclui as áreas agrícolas incultas há mais de cinco anos.

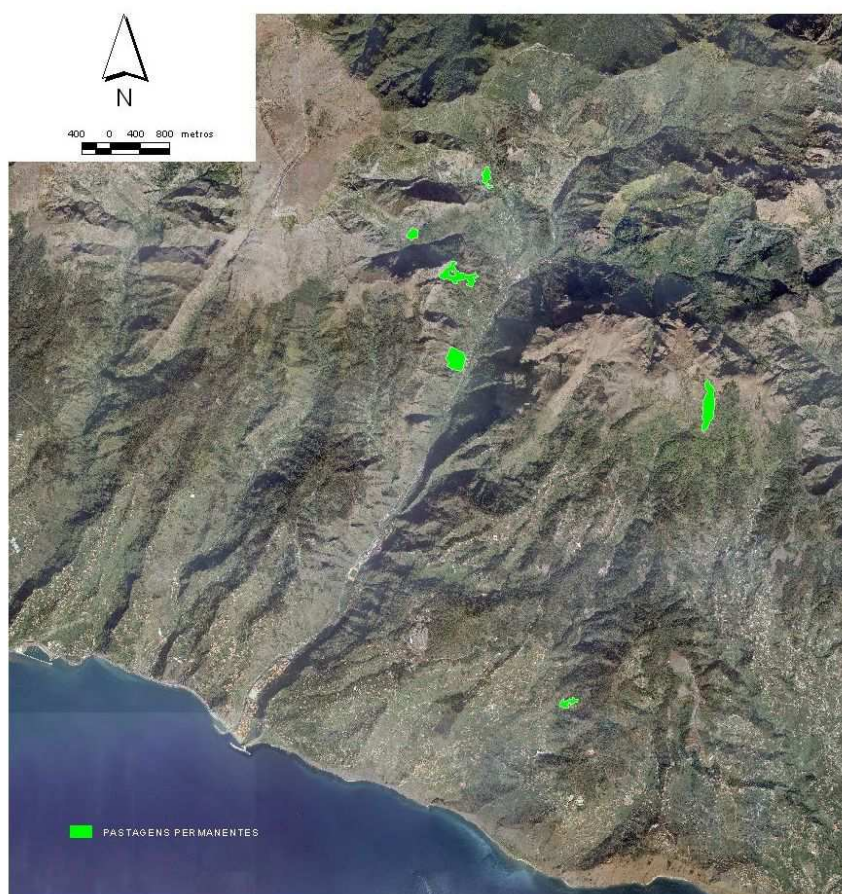


Figura 25 - Pastagens permanentes no Concelho da Ribeira Brava

Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira)

2007

Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 26 - Pastagens permanentes – Achada da Pinta

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)

As áreas demarcadas como pastagens permanentes no Concelho da ribeira Brava ocupam espaços situados na sua maioria a cotas elevadas e ocupam um total de 0,4% do total do Concelho.

As áreas agrícolas heterogéneas são espaços com diversos tipos de associações entre culturas temporárias, pastagens, culturas permanentes e áreas naturais. Inclui culturas temporárias e/ou pastagens associadas a culturas permanentes, culturas temporárias ou permanentes cultivadas sob coberto florestal, áreas de mosaicos de culturas temporárias, pastagens e culturas permanentes, e paisagens em que as culturas e pastagens se encontrem misturadas com áreas naturais ou semi-naturais.

A figura seguinte expressa a distribuição territorial destes espaços no Concelho da Ribeira Brava, de acordo com o COSRAM 2007.

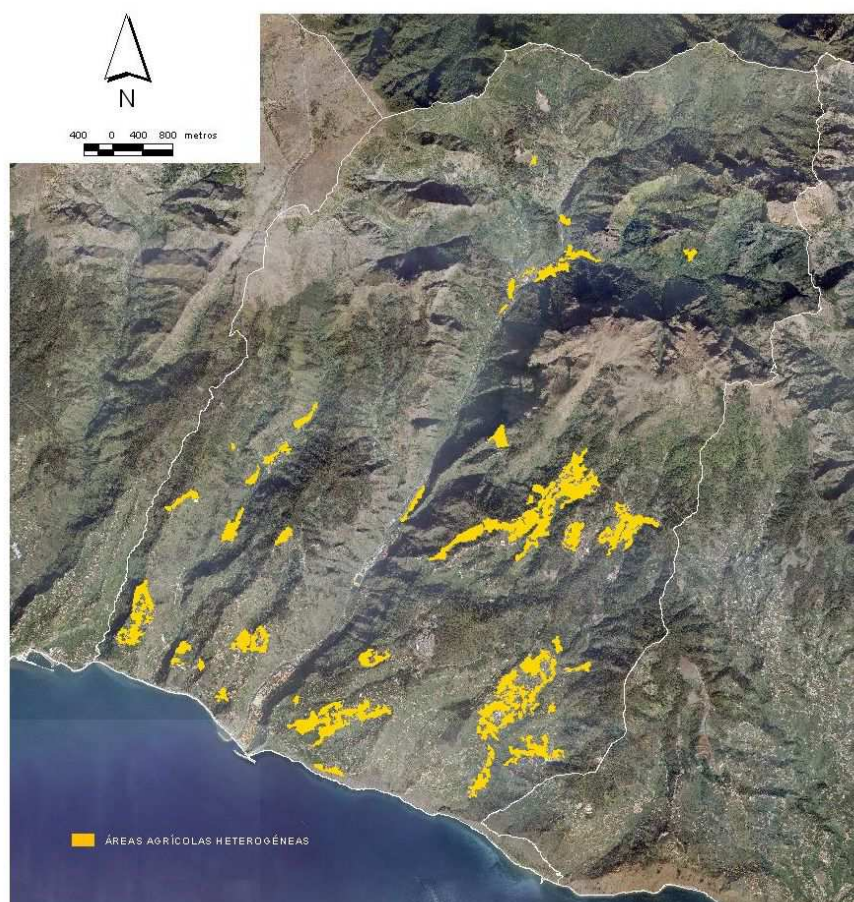


Figura 27 - Áreas Agrícolas Heterogêneas no Concelho da Ribeira Brava

Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007
Ortofotomapa SRES (2007)

A maior parte (82%) dos terrenos classificados como área agrícola heterogénea no Concelho de Ribeira Brava diz respeito a sistemas culturais e parcelares complexos nos quais ocorrem mosaicos de parcelas inferiores à UMC, correspondentes a combinações diversificadas entre culturas temporárias de regadio, culturas temporárias de sequeiro, pastagens permanentes e culturas permanentes. Este tipo de ocupação/uso está muitas vezes situado na proximidade de aglomerados urbanos ou rurais em resultado da produção agrícola de frutos ou legumes para consumo próprio (e.g. hortas de casas particulares). Inclui frequentemente jardins urbanos inferiores à UMC e edifícios dispersos correspondentes a uma impermeabilização inferior a 30%.



Figura 28 - Sistemas culturais e parcelares complexos – Lombo do Cesteiro, Ribeira Brava
Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)

Ainda na classe de áreas agrícolas heterogéneas, destaque para os terrenos com agricultura com espaços naturais e semi-naturais que constituem cerca de 17% do total da tipologia e residualmente (1%) as culturas temporárias de regadio associadas a pomar.

No total, as áreas agrícolas heterogéneas ocupam 3,7% da superfície do Concelho.

1.3 FLORESTAS E OS MEIOS NATURAIS E SEMI-NATURAIS

A par do sector agrícola, o sector florestal deve ser entendido como de grande contribuição para a socioeconomia do Concelho, nomeadamente para o turismo, além da óbvia importância que a sua conservação e valorização têm para o ambiente.

As potencialidades multifuncionais da floresta são, de resto, reconhecidas e sublinhadas por vários planos e programas, como no Plano Regional da Política do Ambiente (PRPA) e o Programa de Desenvolvimento Rural da Região Autónoma da Madeira (PRODERAM).

A actividade silvícola com fins económicos tem pouca expressão no Concelho (existe uma empresa, sediada na Serra de Água, de poda e abate de árvores), mas quando praticada numa óptica sustentável pode desempenhar um importante papel de protecção dos solos e dos recursos hídricos, assim como de prevenção de incêndios.

É ainda importante lembrar aqui o potencial energético da biomassa proveniente da recolha de resíduos de exploração florestal (sem valor comercial), cujo aproveitamento contribui também para a melhoria do ordenamento dos espaços florestais sujeitos ao abandono. (Recorde-se que, pelas suas características únicas, a floresta Laurissilva não poderá ser contabilizada no que à utilização de resíduos para aproveitamento energético diz respeito, devendo recorrer-se aos resíduos do coberto vegetal da floresta exótica).

Em termos turísticos, além da beleza natural que a orografia, os recursos hídricos e o coberto vegetal oferecem aos visitantes, é de referir as cada vez maiores acções de sensibilização e recreio associadas ao turismo de montanha, com a definição e monitorização dos percursos pedestres e a criação de miradouros e parques de merendas, entre outros, permitindo uma contemplação, conhecimento e vivência da floresta, respeitando-a e protegendo-a. O miradouro da Encumeada, é, por excelência, um dos pontos de contacto privilegiados com a floresta madeirense.

Refira-se o Património natural dos SIC do Maciço Montanhoso Central (MMC) e da Laurissilva da Madeira (LM), caracterizados pela elevada taxa de endemismos ao nível da flora e da fauna e aos quais se têm vindo a associar não só projectos de repovoamento florestal e de levantamento e monitorização de espécies invasoras e indígenas, como projectos de turismo de montanha – percursos pedestres e zonas de recreio e lazer, equipadas com fogareiros, fontanários, mesas e outro mobiliário urbano.

Os POG (Planos de Ordenamento e Gestão) do MMC e da LM regulam as actividades que podem ter lugar nestas áreas, condicionando e orientando a ocupação humana de forma a possibilitar as actividades de recreio, lazer e fruição pelos visitantes de forma compatível com a manutenção dos valores naturais.

Um última nota para a prática da pastorícia, que desde os primórdios da ocupação da Ilha tem lugar nos terrenos pedregosos e de magro revestimento vegetal das zonas altas do interior, de forma desregrada e contribuindo para a degradação da vegetação e para a erosão dos solos (e, consequentemente, para a ocorrência de fenómenos como as aluviões). Desde a década de 80 do século XX que têm sido criadas medidas objectivas para a correcta gestão da criação de gado em pastorícia, tornando possível a regeneração dos matos e florestas.

As Florestas são áreas ocupadas por conjuntos de árvores florestais resultantes de regeneração natural, sementeira ou plantação. O sobcoberto não é dedicado à agricultura (classes 2.4.4.x.x) nem a actividades recreativas quando inseridas num contexto urbano.

Neste contexto as florestas são subdivididas em florestas puras ou mistura de folhosas (sobreiros, azinheiras, outros carvalhos, eucalipto, castanheiros, outras folhosas, invasoras e floresta natural da Madeira), puras ou mistura de resinosas (pinheiros e outras resinosas) e florestas mistas.

São ainda contabilizadas as zonas com florestas abertas e vegetação arbustiva e herbácea (vegetação natural e matos, vegetação esclerófito, florestas abertas – de folhosas, resinosas e mistas - cortes e novas plantações).

As zonas descobertas e com pouca vegetação são áreas naturais com pouca ou nenhuma vegetação em que se incluem áreas ardidadas recentemente, rocha nua, zonas pedregosas, praias e areais.

Na figura seguinte inicia-se esta análise alargada com a distribuição das florestas, agragadas as sub-tipologias.

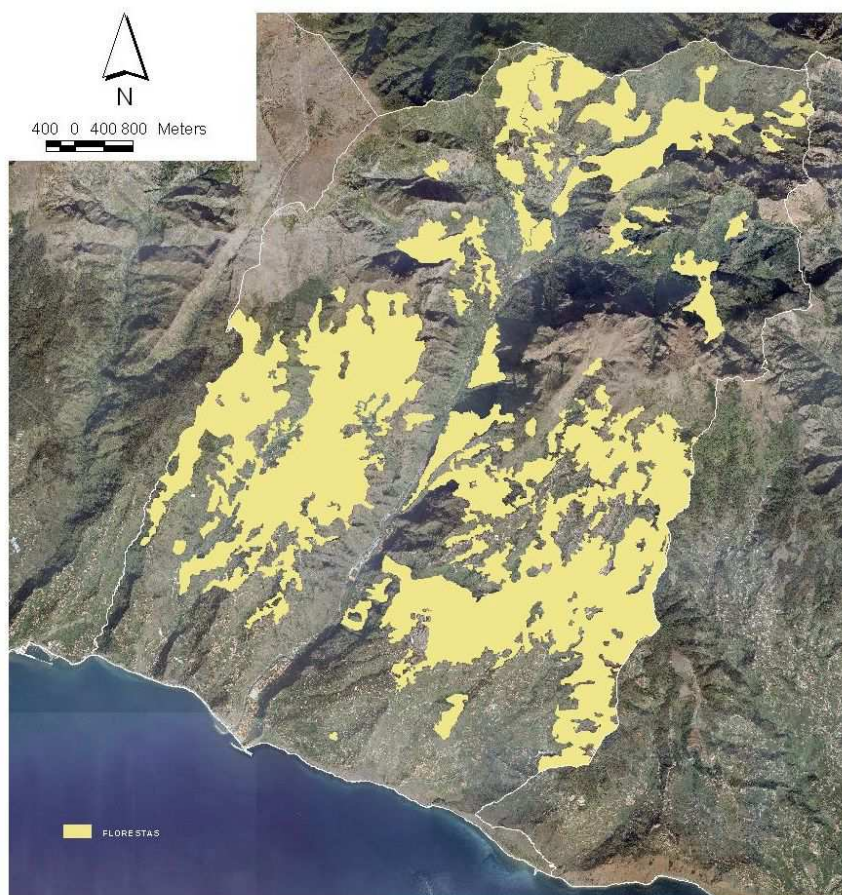


Figura 29 - Florestas no Concelho da Ribeira Brava

Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira)
2007

Ortofotomapa SRES (2007)

A distribuição relativa das tipologias florestais assinaladas, conferiu no Concelho da Ribeira Brava os seguintes resultados: Com 26% da área de floresta, surge a floresta de eucalipto (a que se pode somar os 4% de floresta eucalipto com resinosas e 3% de floresta de eucalipto com folhosas) confirmando a larga expressão desta cultura e a realidade de transformação florestal da Ilha. A área de Floresta Natural da Madeira ocupa 14% e é apenas ultrapassada pela floresta de pinheiro bravo com folhosas que ocupa 16% da área de florestas. A esta última pode somar-se a área de floresta pura de pinheiro bravo com 12%, fazendo com esta cultura assuma importância determinante na realidade florestal do Concelho.

Abaixo dos 10%, mas com bastante importância sobretudo a cotas mais elevadas, temos as florestas de castanheiros e de outras folhosas (ambas com 7%) e a expressão relevante das espécies invasoras (acácias sobretudo) com cerca de 9%, somando os 4% de terrenos onde surgem com folhosas e os 5% de floresta pura de invasoras.



Figura 30 - Floresta Natural da Madeira – Encumeada, Serra d'Água

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 31 - Folhosas entre eucalipto – Serra d'Água

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 32 - Floresta de pinheiro bravo – Ribeira Brava

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 33 - Floresta de invasoras – Lombo Cesteiro

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)

As áreas classificadas como *floresta* congregando todas as sub-categorias correspondem a 30,7% da área total do Concelho da Ribeira Brava.

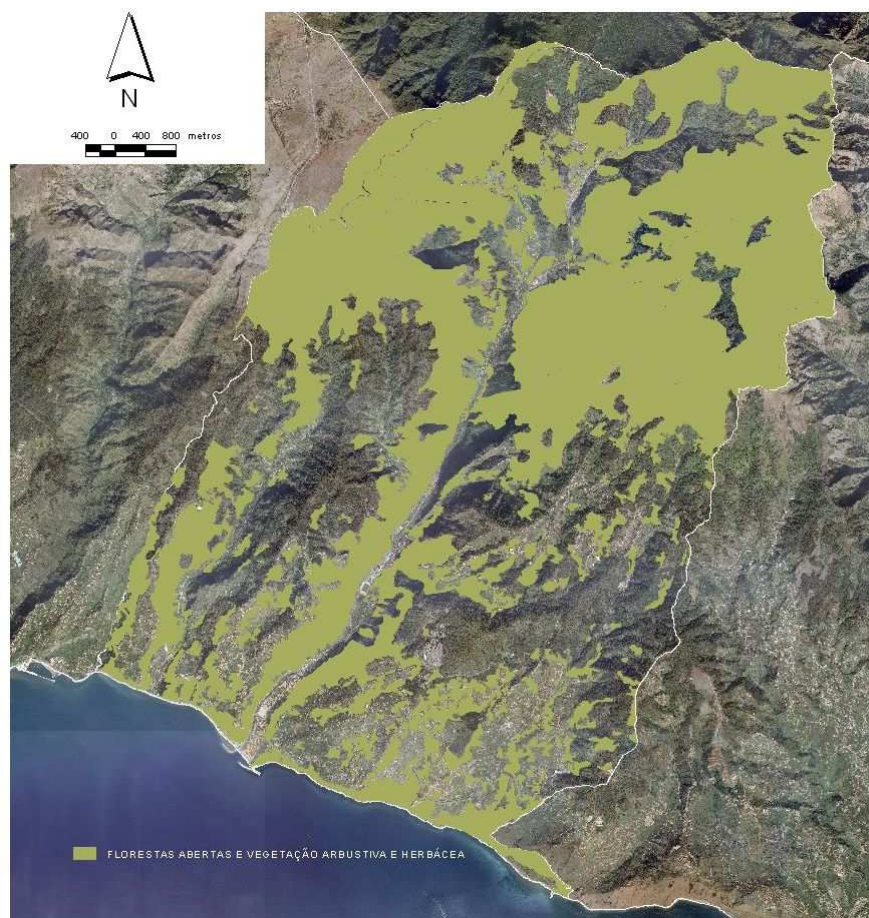


Figura 34 - Florestas abertas e vegetação arbustiva e herbácea no Concelho da Ribeira Brava

Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007
Ortofotomapa SRES (2007)

Em termos de florestas abertas e vegetação arbustiva e herbácea, a maior área é associada a matos (64%) dividida entre matos densos (30%) e matos pouco densos (34%). Com 34 % surge a vegetação herbácea natural, sendo que todas as outras ocorrências representam cerca de 2%, com as florestas abertas de pinheiro bravo acima de 1% e as outras (Floresta aberta de castanheiro, cortes rasos, viveiros florestais, floresta aberta de eucalipto, floresta aberta de invasoras, novas plantações e florestas abertas de pinheiro bravo com folhosas) todas com menos de 1%.

As áreas classificadas como *floresta abertas e vegetação arbustiva e herbácea* congregando todas as sub-categorias correspondem a 51,0% da área total do Concelho da Ribeira Brava.



Figura 35 - Vegetação herbácea natural – Ribeira das Mijas Velhas

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 36 - Floresta aberta de castanheiro – Fontes, Campanário

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 37 - Zonas descobertas e com pouca vegetação no Concelho da Ribeira Brava
Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) 2007
Ortofotomapa SRES (2007)

A expressão das áreas descobertas e com pouca vegetação no Concelho da Ribeira Brava é dada pela conjugação das áreas áridas (78%) e das praias, dunas e areais costeiros (22%). Assinala-se a expressão das áreas áridas e da crescente problemática associada aos incêndios florestais, potenciada pela ocupação desregrada do território, o desordenamento e transformação florestal e o abandono do espaço rural e das práticas culturais.

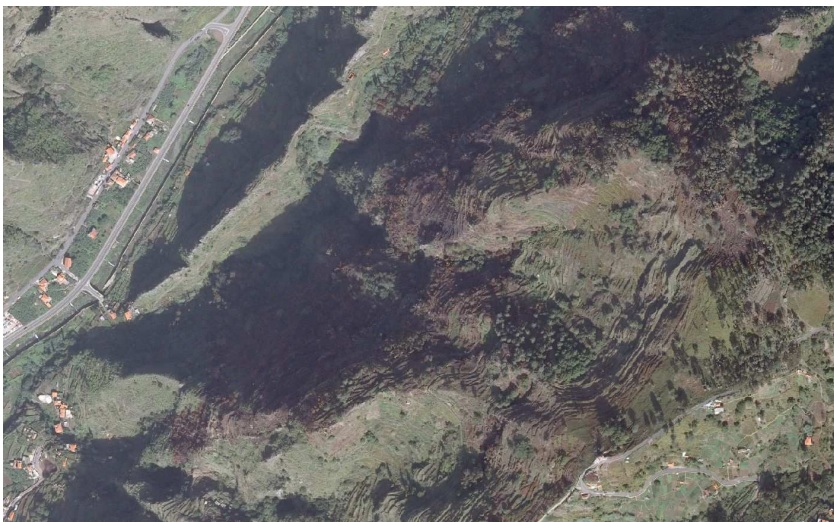


Figura 38 - Área ardida – Ribeira do Esporão

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)

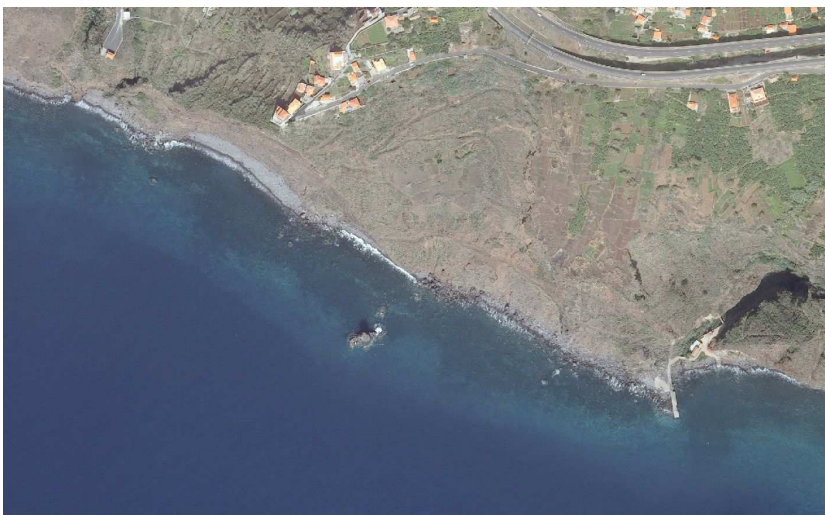


Figura 39 - Ilhéu da Lapa – Campanário

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 40 - Praia da Ribeira Brava

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 41 - Vista da praia da Ribeira Brava

As zonas descobertas e com pouca vegetação ocupam 0,7% da superfície do Concelho da Ribeira Brava.

1.4 ZONAS HÚMIDAS

Correspondem às zonas húmidas interiores que incluem zonas apaúladas (cânicais, canaviais e juncais) e turfeiras; zonas húmidas litorais que incluem sapais, juncais e caniçais halófitos; salinas e zonas entre-marés.

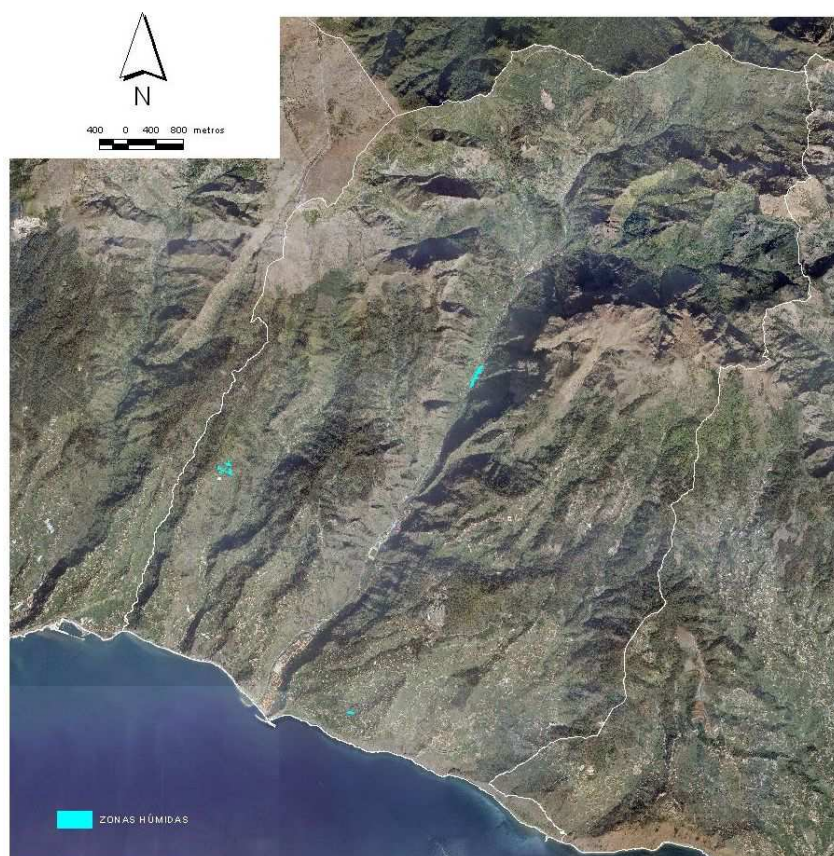


Figura 42 - Zonas húmidas no Concelho da Ribeira Brava

Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira) Ortofotomapa SRES (2007)

No Concelho da Ribeira Brava, a classificação de zonas húmidas resume-se às áreas ocupadas com paúis (zonas baixas normalmente inundadas no Inverno e mais ou menos saturadas de água todo o ano.

Inclui áreas não florestadas de terras baixas, alagadas ou sujeitas a alagamento por água doce, estagnada ou não. Apresentam uma vegetação baixa característica, com espécies herbáceas semi-lenhosas e lenhosas.

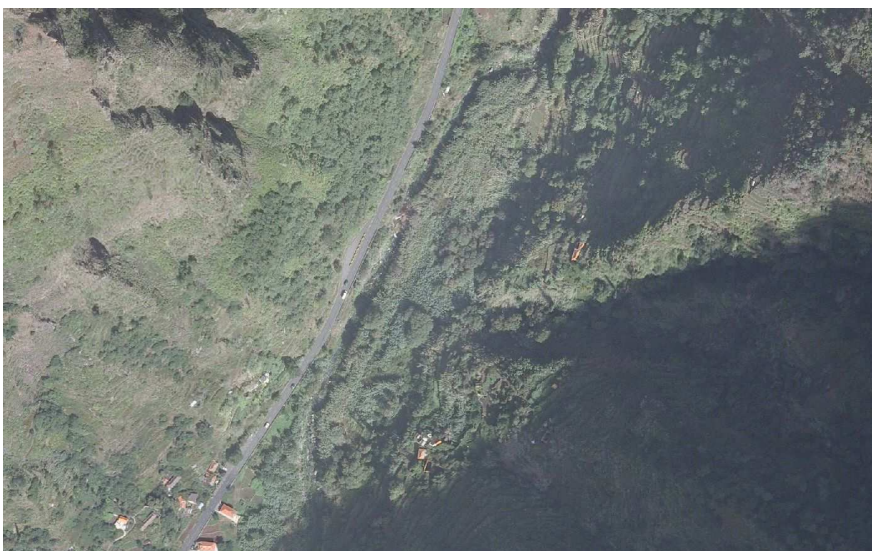


Figura 43 - Paul – Rocha Alta

Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)

1.5 CORPOS DE ÁGUA

São consideradas as superfícies de água doce que incluem cursos de água e planos de água, naturais e artificiais; superfícies de água salgada, que incluem oceanos, e/ou de água salobra que incluem lagoas costeiras e desembocaduras fluviais.

Os cursos de água são marcados desde que apresentem uma largura mínima superior ou igual a 10 m. Inclui rios com margens artificializadas, canais e bancos de areia ou outras acumulações de sedimentos em rios. A superfície cartografada deve apresentar continuidade, com excepção da situação em que a interrupção do curso de água se deve à presença de centrais hidroeléctricas.

As águas interiores representam 0,3% do total da superfície do Concelho.

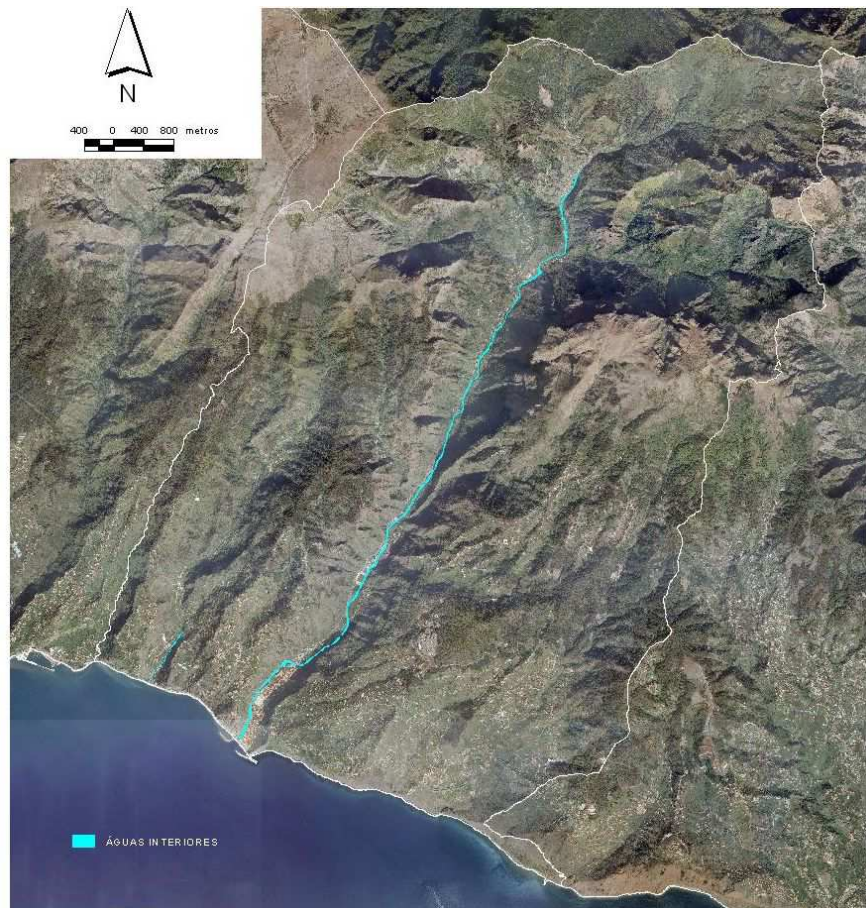


Figura 44 - Crpos de água – águas interiores no Concelho da Ribeira Brava
Fonte: Dados da COSRAM (Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira)
2007
Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 45 - Vales das Ribeiras da Caixa, Tabua e Brava
Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 46 - Troço da ribeira Brava
Fonte: Ortofotomapa SRES (2007)



Figura 47 - Vista para o leito da ribeira Brava

1.6 Síntese

A figura seguinte constitui a expressão conjunta das categorias de ocupação do solo no Concelho da Ribeira Brava, segundo os dados analisados e sistematizados disponíveis na COSRAM 2007.

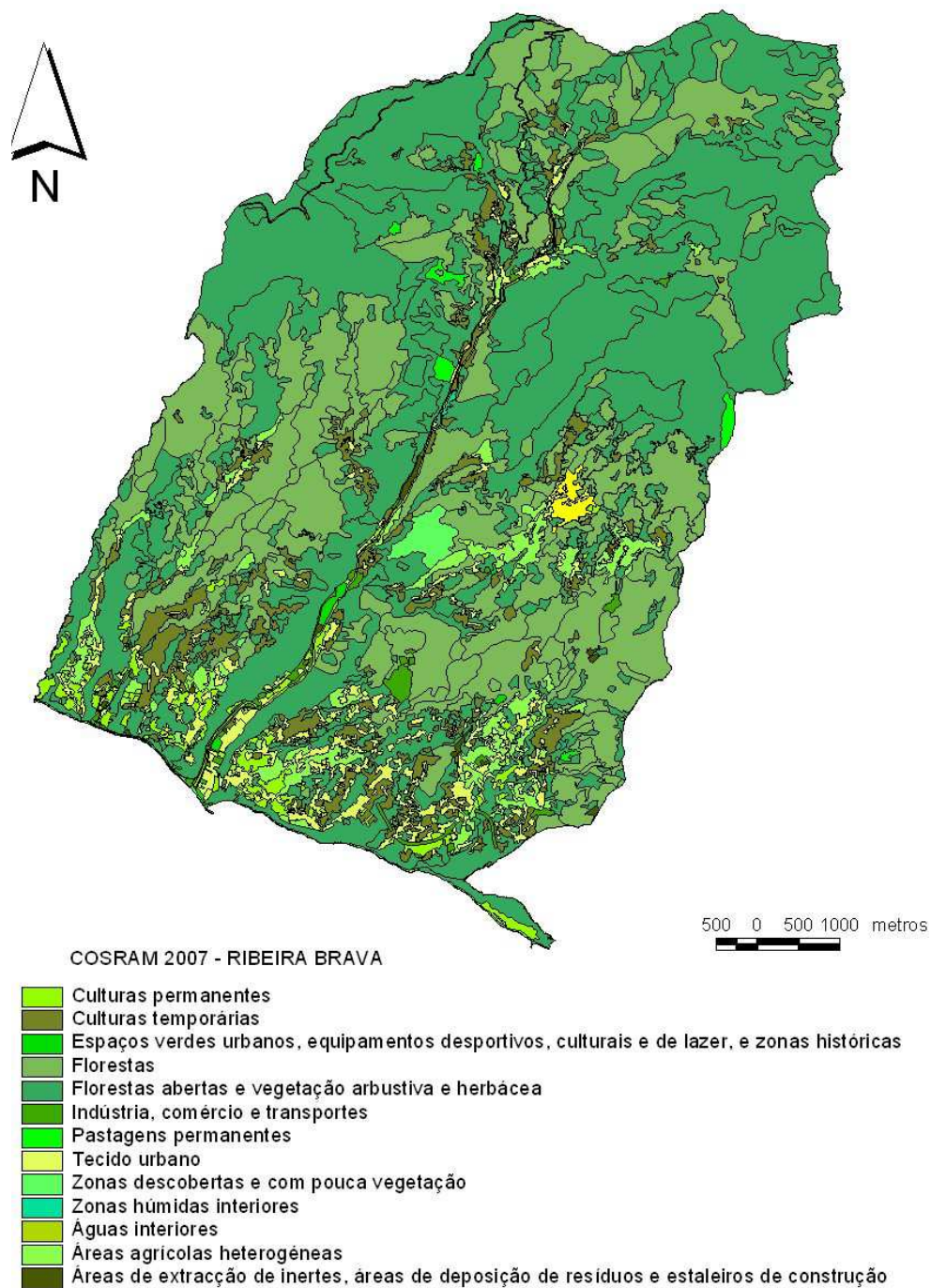


Figura 48 - Carta de ocupação do solo no Concelho da Ribeira Brava feita a partir dos dados da COSRAM 2007

A análise apresentada nas páginas anteriores pode ser sintetizada nos gráficos seguintes que apresentam os valores ponderados de cada classe e sub-classe, no que a cada tipologia de uso de solo diz respeito:

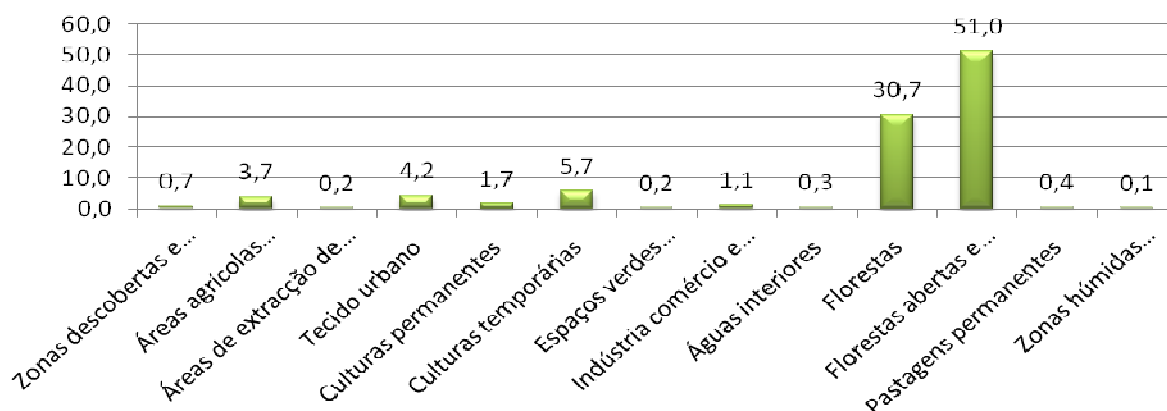


Figura 49 - Percentagem Relativa das Ocupações de Solo no Concelho da Ribeira Brava, segundo dados da COSRAM 2007

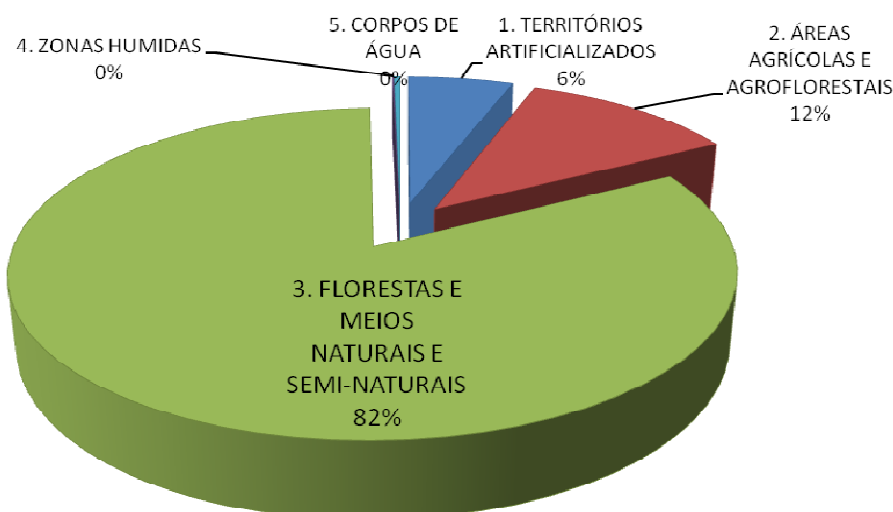


Figura 50 - Percentagem relativa das Ocupações de Solo no Concelho da Ribeira Brava, dados agregados - segundo dados da COSRAM 2007

Como se observa, existe uma clara maioria de ocorrência de ocupação florestal ou associada, quando em comparação com outros usos. As razões para essa realidade assentam não só nas características inerentes do território da Ilha da Madeira, das suas aptidões e constrangimentos vários, mas também pela sucessão de circunstâncias históricas e conjunturais que hoje transparecem a imagem das mudanças socio-económicas e culturais da sociedade madeirense.

Será sobretudo o simples abandono e renaturalização dos terrenos agrícolas ou a sua gradual transição para um aproveitamento florestal ou mesmo a substituição por floresta de espécies invasoras, que potenciam a percentagem de áreas florestais, já de si favorecida pela fórmula de agregação de sub-classes.

Os dados de ocupação do solo e a sua tradução territorial, assumem uma importância redobrada quando se trata de territórios como o do Concelho da Ribeira Brava. Aqui, as questões da formulação dos usos, aptidões e funções potenciais, têm de levar em conta a avaliação de eventuais impactes nas populações e na paisagem, tendo em conta experiência e erros do passado. A salvaguarda da Paisagem como produto e recurso turístico assumido e renovado, requer uma monitorização especial e a consciencialização de que se baseia em territórios em equilíbrio frágil, sujeitos a ocupação humana por vezes desordenada e na manutenção de práticas culturais em aparente desuso.

Propor de forma acertiva novos usos e novas ocupações do solo, subentende ainda a perfeita noção que a gestão criteriosa de áreas de risco, não é uma opção de Planeamento, mas sim um imperativo de cidadania e sustentabilidade.

BIBLIOGRAFIA

Carta de Ocupação do Solo da Região Autónoma da Madeira (COSRAM
2007)